

Em Brasília, a maior ‘favela oficial’

ARCELINA HELENA
Da Sucursal de BRASÍLIA

A 30 quilômetros do Palácio do Planalto, em pleno Distrito Federal, mais de 120 mil pessoas moram numa cidade — satélite chamada Ceilândia, e que foi designada pelo ministro do Interior, Rangel Reis, como a maior favela oficial do Brasil.

Ceilândia, com apenas cinco anos de existência, já possui todos os velhos problemas das piores favelas: 94% das habitações não têm água, nenhuma casa tem esgoto, somente uma avenida tem asfalto, apenas 13% das casas têm luz elétrica, e os 26 telefones da cidade não funcionam quando chove, ou seja, a cidade não possui nenhum dos cinco indicadores utilizados pelo IBGE para caracterizar o núcleo urbano.

Nos dias de chuva, os buracos das ruas formam grandes poços infectos, onde se misturam água pluviais, das fossas e o lixo das casas, pois em Ceilândia não existe serviço regular de coleta de lixo. Mas as estiaagens costumam ser longas no planalto central e a paisagem dominante é monótona, vermelha e poeirenta.

A pouca vegetação que caracteriza o cerrado foi sacrificada pelos trabalhos de terraplanagem e as árvores dali podem ser contadas nos dedos. Vida mesmo, só das pessoas, embora frágil e curta: a mortalidade geral é de 9,5 por mil e a infantil, de 118 por mil, taxas que se colocam entre as mais altas do Brasil.

Oitenta e dois por cento das famílias ganham até dois salários mínimos, sendo que 45% possuem uma renda familiar entre zero e um salário, e quase todos moram em barracos de madeira com dois cômodos. No entanto, são famílias grandes, com uma média de cinco filhos, quase sempre menores. Há, porém, exceções: o popular “Carnauba” tem 32 filhos, todos de uma mesma mulher, muitos já crescidos e casados. Quando “Carnauba” quer sair com toda sua família, é obrigado a fretar três ônibus.

DE FAVELA EM FAVELA

Há cinco anos, quem chegasse a Brasília de carro provavelmente ficaria chocado com uma enorme favela, logo na entrada da cidade: era a invasão do IAPI, onde os “candangos” — trabalhadores que vieram participar da construção dos ousados e belos edifícios da Novacap — ergueram seus barracos e terminaram por formar a maior favela do Brasil, com 80 mil pessoas e mais de 15 mil barracos. Ai viviam em condições — consideradas pelo governo — sub-humanas e seu crescimento era incontrolável. A invasão tornou-se um antro de marginais. As famílias poluíam os córregos e o lago Paranoá, o mesmo que forma a chamada península dos ministros. Além disso, era um péssimo cartão de visita para os turistas que chegavam a Brasília. Por todas essas razões, o governo resolveu remover este pessoal para um local mais distante.

Foi organizada a CEI — Campanha de Erradicação das Invasões — e projetada Ceilândia, que seria apenas um bairro da cidade de Taguatinga. A remoção, que durou 11 meses, começou em fins de março de 1971.

— Desta vez até que foram delicados, comenta o padre Ângelo, da Igreja Ressurreição, em Ceilândia.

O Padre Ângelo mora em Brasília há mais de dez anos e tem feito seu trabalho evangélico sempre entre os mais humildes, os favelados. Logo que chegou da Holanda foi morar em uma favela da Asa Norte. Um dia, sem que ninguém fosse avisado, chegaram os caminhões e a polícia: destruíram os barracos e levaram todos embora.

Depois de sair da Asa Norte, em pleno Plano Piloto, esse pessoal foi morar no IAPI, de onde acabou sendo removido para Ceilândia.